

EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA COM O HIP HOP

ESP. KARINA TAMANINI BORGES

Especialista no Ensino de Dança pela
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Especialista em Educação Física Escolar pelo Centro
Universitário Internacional – UNINTER
Professora da Siena Escola de Negócios

MS. MARIA CELESTE ROCHA

Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Doutoranda em Educação Física pela Universidade
Federal do Espírito Santo – UFES
Professora da Prefeitura Municipal de Vitória – ES

DR. THIAGO DA SILVA MACHADO

Doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Professor do Centro Universitário Salesiano e da Rede
Estadual de Ensino do Espírito Santo – SEDU
Membro do Laboratório de Estudos em Educação Física (LESEF) da
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Resumo | Esse trabalho tem como objetivo relatar uma experiência desenvolvida no Estágio Curricular Obrigatório da Educação Física na Educação Infantil. A intervenção pedagógica foi realizada com uma turma do Grupo 5 em um Centro Municipal de Educação Infantil do município de Vitória. O trabalho se desenvolveu a partir da temática do Hip Hop, que abrange Grafite, Dj, Rap, MC e Break, sendo a temática escolhida em função de sua presença no meio social no qual as crianças estão inseridas. Consideramos que o trabalho desenvolvido foi muito significativo para nossa formação e para ampliar o repertório de experiências das crianças.

Palavras chave | Educação Física; Educação Infantil; Hip Hop.

PHYSICAL EDUCATION IN CHILD EDUCATION: AN EXPERIENCE WITH HIP HOP

Abstract | This work aims to report an experience developed in the Mandatory Curricular Internship in Physical Education in Early Childhood Education. The pedagogical intervention was carried out with a class of 5 year old children in a Municipal Center for Early Childhood Education in the city of Vitória. The work was developed based on the theme of Hip Hop, which covers Grafite, Dj, Rap, MC and Break, the theme being chosen due to its presence in the social environment in which the children are inserted. We believe that the work developed was very significant for our training and for expanding the repertoire of children's experiences.

Keywords | Physical Education; Child education; Hip hop.

EDUCACIÓN FÍSICA EN EDUCACIÓN INFANTIL: UNA EXPERIENCIA CON HIP HOP

Resumen | Este trabajo tiene como objetivo relatar una experiencia desarrollada en el Pasantía Curricular Obligatoria en Educación Física en Educación Infantil. La intervención pedagógica se realizó con una clase de niños y niñas de 5 años en un Centro Municipal de Educación Infantil de la ciudad de Vitória. El trabajo se desarrolló a partir de la temática Hip Hop, que abarca Grafite, Dj, Rap, MC y Break, siendo la temática elegida por su presencia en el entorno social en el que se insertan los niños. Creemos que el trabajo desarrollado fue muy significativo para nuestra formación y para ampliar el repertorio de experiencias infantiles.

Palabras clave | Educación Física; Educación Infantil; Hip hop.

INTRODUÇÃO

Este estudo se constitui num relato da experiência vivenciada no Estágio Curricular Obrigatório na Educação Infantil de um curso de Licenciatura em Educação Física. Destacamos que a experiência aqui relatada se desenvolveu em um semestre de intervenção com uma turma do Grupo 5, que corresponde a crianças de 4 a 5 anos, em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) da Rede Pública de Ensino do Município de Vitória/ES.

Antes de iniciar nosso relato, consideramos pertinente destacar nossa compreensão de criança como um sujeito de direitos, o que significa, reconhecê-la como cidadã e valorizar “sua ação, sua palavra, sua cultura, sua história”, pois, estas são “sínteses de uma experiência social atravessada pela sua condição de classe, etnia, gênero, idade etc” (VITÓRIA, 2006, p.31). Em relação a Educação Infantil, a consideramos como uma etapa educativa que tem a função de cuidar, educar e promover o desenvolvimento integral das crianças contemplando de maneira indissociável os aspectos físico, psicológico, intelectual e social (DCNEI, 2010).

No que tange à Educação Física, nos pautamos nas ideias de Ayoub (2001) e Rocha (2016). Nessa esteira, entendemos que a intervenção pedagógica com a Educação Infantil pode ser compreendida como um tempo e espaço que possibilita às crianças experiências e brincadeiras diversas com os elementos da cultura corporal de movimento.

Assim, dialogando com tais pressupostos, o estágio configurou-se a partir do cumprimento de algumas etapas, como a análise de conjuntura, o planejamento e desenvolvimento das aulas, e a reflexão sobre a intervenção. Ou seja, a inserção no contexto do CMEI foi marcado pela realização de uma análise que nos permitiu aproximar da realidade da instituição. Em especial para conhecer as crianças e a maneira como a Educação Física se concretizavam naquele espaço, particularmente, no modo como refletia uma articulação entre o projeto pedagógico e a própria dinâmica de funcionamento da instituição.

Em meio a esse processo, estabelecemos contato com a professora de Educação Física e dialogamos sobre a característica das turmas, faixa etária, estrutura das aulas e conteúdo. A turma escolhida foi o Grupo 5, composta por uma média de 20 a 25 crianças. As aulas aconteceriam de forma germinada, ou seja, duas aulas de 50 minutos seguidas.

A partir da análise de conjuntura e dos diálogos estabelecidos, elaboramos o projeto de intervenção: “*Educação Física na Educação Infantil: uma experiência com o hip hop*”. A ideia de trabalhar com o Hip Hop surgiu, quando identificamos que a cultura local daquela comunidade apresentava muitos traços de tal manifestação. Vale ressaltar que o Hip

Hop é entendido como uma cultura de variados elementos (grafite, DJ, MC/rap e break/dança), diversidade que, em nosso entender, favorece a possibilidade de sua tematização no segmento da Educação Infantil. Em especial, no que se refere à Educação Física, não só o fato de o Hip Hop ser constituído também pela dança, que compõem o acervo da Cultura Corporal de Movimento, mas, pelo fato de que o próprio break é constituído de certa ludicidade na criação/execução de seus movimentos, vislumbramos grande potencial para ampliação das experiências de movimento das crianças. Daí nossa opção por conduzir nossas ações sob o pressupostos do lúdico e do brincar. Nas palavras de Ayoub (2001, p.57):

Criança é quase sinônimo de movimento; movimentando-se ela se descobre, descobre o outro, descobre o mundo à sua volta e suas múltiplas linguagens. Criança é quase sinônimo de brincar; brincando ela se descobre, descobre o outro, descobre o mundo à sua volta e suas múltiplas linguagens (2001, p.57)

CONSIDERAÇÕES SOBRE O HIP HOP E A ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-METODOLÓGICA PARA SUA TEMATIZAÇÃO

Ao tematizar o Hip Hop, ressaltamos que o entendemos como um movimento popular, cuja origem está diretamente relacionada aos movimentos culturais de comunidades africanas. De acordo com Cazé e Oliveira (2008, p.5), África Bambaataa é reconhecido como criador oficial deste movimento cultural de contestação, que, entre outros objetivos, visava “[...] congrega os negros do local para atividades artísticas, substituindo as brigas entre as gangues pelas rachas entre as *Crews* (grupos) de *Break* ao som do DJ, da voz do MC e utilizavam os *graffitis* nos muros para ratificar os domínios territoriais de cada grupo”.

Apesar de ser identificado como uma dança ou estilo musical, é fundamental dizer que o Hip Hop extrapola esses dois elementos. Conforme já sinalizamos, essa manifestação envolve o DJ (escolhe as batidas, faz mixagem e monta repertórios musicais), MC (canta), Breaking (dança praticada pelos b-boys e b-girls), o Rap (as músicas criadas pelos Mcs) e

a arte do grafite (pintura e expressões por meio de desenho). Afora essas características, vale ressaltar também que:

O Hip Hop é uma estratégia de sobrevivência da cultura popular, é uma forma de visibilidade de grupos de excluídos das possibilidades. É uma ação política que acontece a partir do corpo que dança, desenha, pensa, fala, reflete, sobre os problemas que reverberam nas estruturas sociais em que estes corpos co-habitam (CAZÉ; OLIVEIRA, 2008, p. 1).

Ou seja, trata-se de uma prática que tem na utilização de diferentes elementos ou linguagens a busca por formas de expressão.

[...] O *Break* que representa o corpo na dança; O *Rap* ligado ao ritmo e a poesia, sendo entendido como a expressão musical-verbal da cultura hip-hop; O *Graffiti*, a expressão da arte, o meio de comunicação; O MC considerado a consciência, o cérebro, canta o rap e apresenta as atividades e os shows; O DJ responsável pela música que serve de base para o MC cantar (CAZÉ; OLIVEIRA, 2008, p. 6).

Sendo assim, exatamente diante dessa riqueza cultural e expressiva encontrada no Hip Hop é que julgamos pertinente sua apropriação pela Educação Física na Educação Infantil, particularmente, diante da possibilidade da construção de experiências variadas a partir daqueles seus elementos mais diretamente caracterizados como componentes do acervo de práticas corporais compreendida pela Cultura Corporal de Movimento.

Do ponto de vista de sua organização, o projeto foi elaborado considerando um total de 20 aulas, com 2 intervenções por semana. Estabelecemos como objetivo geral a intenção de proporcionar às crianças o conhecimento e experiências corporais com os diferentes elementos da cultura do hip hop. Nesse sentido, nossa ideia foi promover o entendimento de que o Dj toca uma base para os b-boys dançarem, MCs rimarem e os grafiteiros praticarem a arte com a tinta. Ressaltando que na maioria das vezes, a cultura do Hip Hop é composta pela presença de todos esses elementos simultaneamente no mesmo espaço.

Para alcançar tal objetivo, estruturamos nosso cronograma de intervenção da seguinte maneira: 1ª semana - apresentação do tema com histórias, vídeos, fotografias e bate papo; 2ª semana - experiência com a arte do grafite, através da oferta de materiais diversos para as crianças

criarem seus próprios desenhos sobre o Hip Hop; 3ª semana - brincadeiras ao ritmo do Hip Hop e com a inserção de movimentos que compõem os passos das danças; 4ª semana - construindo o equipamento com caixas de papelão juntamente com as crianças; 5ª semana - vivência do break dance; 6ª semana - brincar e aprender alguns passos de break; 7ª, 8ª e 9ª semanas - construção de uma coreografia de break dance, e muita dança; 10ª semana - encerramento do nosso projeto com apresentação das produções para todo o CMEI.

Ainda em termos didático-metodológicos, destacamos que nossos encontros com as crianças foram marcados pela realização de rodas de conversas no início e no final de cada aula. No momento inicial o intuito era organizar com as crianças o que seria desenvolvido (momento em que lembrávamos o que foi abordado na aula anterior, fazíamos os combinados e explicávamos a dinâmica do dia). Já ao final das aulas nos reuníamos para conversar e saber o que foi possível compreender no decorrer das atividades. Todos os processos das aulas eram registrados com recursos imagéticos.

Importa ressaltar que sempre disponibilizávamos giz de cera, pincéis, papéis em branco e desenhos para serem coloridos. Essa era uma forma de tematizar o grafite, e, a cada intervenção, as produções das crianças ficavam expostas nas paredes do CMEI. Vale destacar ainda que as brincadeiras eram elementos já muito presentes nas aulas, assim, como estratégia didática, partíamos daquelas que as crianças já conheciam como ponte para a tematização do Hip Hop.

CONSTRUINDO EXPERIÊNCIAS COM O HIP HOP NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Como dito, para a apresentação do Hip Hop, utilizamos histórias contadas, apresentação de fotos e vídeos, bem como, procuramos conversar com as crianças e proporcionar algumas vivências pautadas no trabalho com os quatro elementos de tal manifestação. Ressaltamos que escolhemos e destacamos imagens com crianças, tais como: uma menina

tocando o disco (era a DJ), três meninos dançando (sendo os b-boys e dançarinos de break), outra criança agachada com um microfone na mão (era o MC) e, por último, um garoto com uma lata de tinta na mão (o grafiteiro). A partir das imagens, construímos e vivenciamos juntamente com as crianças a seguinte história:

Júlia queria muito ser uma DJ, então ela pediu a panela da sua mãe emprestada e começou a criar um som muito bacana. A Júlia tinha um vizinho chamado Pedro, ele era um menino muito esperto e ao escutar o som que a Júlia estava fazendo, correu em sua direção e começou a dançar. Essa dança se chamava break e ele era b-boy. O Pedro também tinha um vizinho que se chamava Paulo. Quando Paulo ouviu o som que a Júlia fazia e viu a dança do Pedro, sentiu vontade de cantar. Ele então virou um MC. Como a brincadeira estava muito animada, eles convidaram o João, que adorava desenhar para registrar todo o momento e deixar o muro mais bonito e colorido. Essas quatro crianças inventaram uma festa chamada Hip Hop e essa festa só acontecia quando todos estivessem juntos (Relatório Final de Estágio).

Dessa experiência interessa destacar a atenção e interesse que as crianças tiveram com a história. Ao retornar para a sala e conversar sobre a aula, muitas crianças lembravam dos personagens, contavam empolgadas a história e demonstraram um entendimento de que o Hip Hop compreendia o Dj, a dança o MC e o grafite. A partir daí tivemos o entendimento da importância de contextualização dos temas e conteúdos trabalhados, a fim de aproximar ao universo da criança e despertar seu interesse.

Na semana seguinte, o planejamento era conhecer as distintas formas de grafitar, proporcionando experiências de manipulação da tinta em spray, por meio de desenhos para colorir e desenhos criados pelas próprias crianças. A princípio, as crianças deviam pintar o desenho com lápis e giz de cera (eram desenhos com personagens fazendo pose de dança, microfone, tintas em sprays e um boneco com uma mesa de DJ). Enquanto a maioria pintava os desenhos na sala de aula, penduramos folhas de flip chart na parte de fora da sala e fomos chamando por duplas para a realização do grafite. Ao final da aula, conversamos sobre o que eles haviam vivenciado. Todos falaram que gostaram de ser grafiteiros e que queriam de novo porque foi muito legal. Nossas produções ficaram expostas nas paredes do CMEI.

Na terceira semana inserimos brincadeiras que nos possibilitassem trabalhar noções rítmicas e elementos da coordenação motora da dança. Foi nesse contexto que brincamos de dança da cadeira e estátua. Na brincadeira da estátua, por exemplo, tocamos uma música que faz parte da cultura do Hip Hop e quando a música parava todos deveriam ficar em posição de estátua, inclusive, “congelando” em um movimento que compõem o break dance.

Em nossa quarta semana de intervenção, tematizamos o MC e o DJ. Para isto, organizamos o espaço da aula com som e microfone, e, construímos a “picape¹” com uma caixa de papelão e tampinhas de garrafa pet. As crianças adoraram! Depois de pronta, a picape foi passando de mão em mão para que todas tivessem o primeiro contato. Durante esse momento, colocamos uma base de rap no som e falamos para as crianças que eram elas que estavam fazendo aquele som com a picape de papelão. Depois de todos mexerem na picape, fizemos uma roda e cada criança cantava uma música. Tínhamos desligado o som e uma das crianças pediu para que a gente colocasse o som de novo, pois elas queriam cantar com aquele som. E foi isso, colocamos a batida no som bem baixinho e a picape ficou passando de mão em mão enquanto duas crianças iam no centro da roda cantar músicas como: borboletinha, jacaré, o sapo, papagaio do bico dourado, entre outras.

A partir da quinta semana introduzimos as experiências com os passos de dança do break dance. Assim, selecionamos algumas músicas a partir do que as crianças mais gostavam e depois montamos uma coreografia. Essa coreografia contou com a participação das crianças, que sugeriram movimentos, e foi apresentada para todas as turmas do CMEI na nossa última aula. Particularmente em relação ao ensino da dança, iniciamos com alguns passos básicos, dançando junto com elas e pedindo para que nos imitassem. Eram movimentos simples de deslocamento

1. A picape é o equipamento utilizado pelo Dj para fazer as batidas do hip hop e rimas do rap. Geralmente é composta de dois toca-discos e um mixer (aparelho que permite que duas músicas toquem sincronizadas).

para um lado e para o outro, para frente e para trás com palmas. Sempre deixávamos as crianças bem à vontade nesses momentos.

Na sequência, ao tomar contato com vídeos de dance break dance, as crianças pareciam estar hipnotizadas com os movimentos feitos no vídeo e já queriam começar a dançar (ver outras crianças realizando os passos no vídeo parece ter sido algo fundamental). Após os vídeos, nos deslocamos para o espaço de apresentações culturais do CMEI. Tratava-se de um mini auditório com um palco, mas, o simples fato das aulas acontecerem ali causou certa empolgação nas crianças. Vivenciar tal situação, nos fez refletir sobre o princípio da ressignificação do tempo e do espaço na prática pedagógica com as crianças na Educação Infantil, tal como discutido por Buss-Simão (2011). O fato de utilizar e resinficar em aula um espaço que habitualmente só é utilizado para apresentações, potencializava e muito a participação e a imaginação das crianças.

Na condução das vivências com os passos de break dance, convidamos as crianças para sentar em círculo e em duplas eram estimuladas a ir para o centro da roda e dançar. Entretanto, percebemos que em determinado momento, todas as crianças queriam dançar e essa dinâmica de ficar esperando sua vez não estava funcionando. Nesse contexto, nos demos conta da importância de atender os interesses e necessidades da criança e de que CMEI deveria se configurar como um lugar de aprendizagens por meio da ludicidade e liberdade na produção de sentidos no processo de experimentação. Assim, mudamos a estratégia e convidamos todas as crianças para levantar e dançar juntos, desse modo, cada qual tinha a possibilidade de potencializar a sua vivência do break dance, aspecto que também julgamos positivo na intervenção.

Após alguns encontros de vivências e experiências, demos início a sistematização da nossa coreografia, onde, juntamente com as crianças, escolhemos sua música preferida: *WatchMem* – Silentó. A partir daí, começamos os “ensaios”. Para facilitar a organização da dança e realização dos passos, amarramos uma fita amarela no braço direito de cada criança e uma fita verde no esquerdo, para que não confundissem os lados para deslocamento. Enfim, o dia do encerramento chegou e as

crianças apresentaram sua dança para todas as demais turmas do CMEI. Em nosso entendimento esse foi um momento muito marcante, pois, nos possibilitou ver a concretização de um trabalho, principalmente por esta ter sido nossa primeira experiência com a docência. Se no início tínhamos receio de como seria o processo de ensino-aprendizagem com as crianças da Educação Infantil, ao final desse trabalho entendemos a importância de apresentar e oportunizar novas experiências às crianças e de como a dimensão lúdica as motiva nesse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relatar uma experiência de ensino tão rica no estágio não é uma tarefa fácil, nesse sentido, destacamos que o texto construído configura-se como um recorte no qual privilegiamos o destaque de alguns pressupostos norteadores, objetivos estabelecidos, e a própria organização didática do conteúdo. Assim, encerramos esse relato destacando dois aspectos: o primeiro relacionado à experiência de estágio/intervenção; e o segundo concernente ao conteúdo escolhido.

Sobre o estágio, consideramos que a experiência de conhecer a realidade da Educação Infantil, planejar e desenvolver um projeto de intervenção pedagógica, nos possibilitou diversos aprendizados. Aqui, optamos por enfatizar aquilo que “deu certo” nas aulas, o que não significa que o projeto desenvolveu-se sem dificuldades ou sem a necessidade de uma sua reconstrução ao longo do processo. A título de exemplo, destacamos certa dificuldade com algumas famílias para a participação das crianças nas aulas e na própria apresentação, em especial, devido a questões de valores conservadores. Tal situação tornou mais evidente, inclusive, a delicadeza dessa relação entre o CMEI e as famílias no processo de cuidar e educar na Educação Infantil.

Quanto ao conteúdo, entendemos que a escolha foi “bem-sucedida”. Pois, a cada semana ficávamos mais empolgados com a participação das crianças nas aulas e o interesse delas naquilo que propusemos. Ao refletir sobre esse processo, consideramos que o fato de trabalhar com uma

temática nova e diferente como o hip hop foi fundamental para despertar e manter nelas o interesse pelas experiências propostas. A multiplicidade de elementos abarcados pelo conteúdo (músicas, grafites, danças, brincadeiras, movimentos e desafios corporais), aliados a forma como nos relacionamos com as crianças, estimulando um constante diálogo sobre estes elementos da Cultura Corporal de Movimento, permitiu-nos tornar pertencente às crianças uma manifestação que já lhes era tão próxima.

REFERÊNCIAS

AYOUB, Eliana. Reflexões Sobre a Educação Física na Educação Infantil. **Revista Paulista Educação Física**, São Paulo, p.53-60. 2001.

BRASIL, Ministério de Educação e Cultura. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: Secretária de Educação Básica, 2010.

BUSS-SIMÃO, Márcia. Educação Física na Educação Infantil: compartilhando olhares e construindo saberes entre a teoria e a prática. **Cadernos de Formação RBCE**. Vol.2, n.1, 2011.

CAZÉ, Clotildes Maria de Jesus Oliveira; OLIVEIRA, Adriana da Silva. Hip Hop: cultura, arte e movimento da sociedade contemporânea. **Encontro de estudos multidisciplinares em cultura**, Salvador, 28 a 30 de maio de 2008.

LIMA, Patrícia Oliveira de Daniele; SILVA, Ana Márcia. Para além do Hip Hop: juventude, cidadania e movimento social. **Motrivivência** ano XVI, nº 23, p. 61-80, dez/2004.

ROCHA, Maria Celeste. Surfe na Educação Infantil: uma experiência radical. In: SILVA, Bruno Allan Teixeira da; MALDONADO, Daniel Teixeira; OLIVEIRA, Leandro Pedro de. (Orgs.). **Manifestações Culturais Radicais nas aulas de Educação Física escolar**. Vol. 15, Curitiba: CRV, 2016.

Recebido: 02 fevereiro 2021

Aprovado: 18 junho 2021

Endereço eletrônico:

Karina Tamanini Borges

karina.ktb@gmail.com